

“A conquista do oeste” (1962) - o filme e a cultura norte-americana

Carlos Wagner Tavares da Silva¹

Resumo: Este texto aborda o filme “A Conquista do Oeste” (*How the West Was Won*), produzido no ano de 1962, considerado uma representação do gênero do cinema norte-americano, que ficou popularmente conhecido como “faroeste” para os brasileiros. O propósito do estudo foi pensar a cultura que os Estados Unidos da América transmitiram ao mundo a partir desse gênero cinematográfico e suas simbologias. Do ponto de vista metodológico, foram consideradas as perspectivas da Nova História, especificamente os conceitos de Marc Ferro sobre cinema e História. Em “A Conquista do Oeste” é perceptível o cenário de construção da identidade do homem norte-americano durante a expansão territorial para o Oeste do país, na segunda metade do século XIX, caracterizado por novas oportunidades, e personagens específicas como índios, cowboys e garimpeiros. Pode também inferir das condições adversas da vida no Oeste e a persistência em torno da civilização, da tentativa de transmissão de sua cultura para o mundo, fundada na imagem de desbravamento e coragem.

Palavras-chave: Cinema. História. Cultura norte-americana.

"The Conquest of the West" (1962) - the film and american culture

Abstract: This text discusses the feature film "the conquest of the West" (*How the West Was Won*), produced in the year 1962, considered a representation of the genre of American cinema, which became popularly known as "Wild West" for Brazilians. The purpose of the study was to think about the culture that the United States of America have forwarded to the world from that film genre and your symbologies. From the methodological point of view, were considered the prospects of the new History, specifically the concepts of Marc Ferro on cinema and history. In "the conquest of the West" is noticeable the construction scenario of American man's identity during the territorial expansion to the West of the country, in the second half of the 19th century, featured by new opportunities, and special characters as Indians, cowboys and miners. Can also infer the adverse conditions of life in the West and persisting around of civilization, the attempted transmission of their culture to the world, founded on the image of clearing and courage.

Keywords: Cinema. History. American culture.

Artigo recebido em 10/05/2016 e aceito em 17/06/2016.

1 Introdução

Este artigo trata do filme “A conquista do Oeste” (*How the West Was Won*), produzido no ano de 1962, dirigido por John Ford, Henry Hathaway e George Marshall, considerado uma representação do gênero do cinema norte-americano, que ficou mundialmente conhecido como *western* e/ou “faroeste” para os brasileiros; e/ou ainda simplesmente “filmes de cowboy”. A intenção deste trabalho é repensar o resultado de um trabalho monográfico, intitulado “A Conquista do Oeste”: o homem norte-americano no cinema”^{II}. Nessa monografia fora identificado um modelo de homem norte-americano presente naquele filme, o qual é retratado neste artigo como nova ênfase a certos aspectos da cultura norte-americana transmitida via cinema.

Os filmes de Faroeste permitem ao historiador rever uma série de detalhes importantes na formação da sociedade norte-americana porque tratam da criação de muitas simbologias. É possível pensar a partir do filme “A conquista do Oeste”, perguntando-se: que imagem da sua cultura os Estados Unidos da América transmitiram ao mundo com o cinema western? Trabalhos científicos abordam o gênero cinematográfico “faroeste”, a exemplo do que fez o crítico de cinema André Bazin em sua obra “O cinema ensaios 1991”. Já na obra do historiador Marc Ferro^{III} “Cinema e História” encontram-se os fundamentos da relação da ciência com essa nova ferramenta de análise social.

Partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente, iluminação, confirmação ou o desmentido do outro saber que é o da tradição escrita. Considerar as imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. Os historiadores já recolocaram em seu lugar legítimo as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não escritas: o folclore, as artes e as tradições populares. Resta agora estudar o filme, associa-las com o mundo que o produz. Qual é a hipótese? Que o filme, imagens ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História. E qual o postulado? Que aquilo que não acontece (e por que não aquilo que aconteceu?), as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História^{IV}.

“A conquista do Oeste” constitui uma espécie de documento histórico que resgata elementos importantes para a compreensão da História do povoamento do Oeste norte-americano e da formação de uma identidade local. O conceito de identidade constitui uma peça importante no debate que vem sendo feito nas ciências humanas, como aspecto intrínseco a cultura, um dos pilares das pesquisas no campo das humanidades. A questão da identidade constitui uma chave para a compreensão da cultura norte-americana, especialmente na verificação dos elementos do Oeste, que serviram também para reforçar a unidade nacional e que podem ser observados através dos filmes de faroeste.

Há uma estreita relação entre a concepção que se faz de cultura e a concepção que se tem de identidade cultural. Aqueles que integram a cultura como uma “segunda natureza” que recebemos de herança e da qual não podemos escapar, concebem a identidade como um dado que definiria de uma vez por todas o indivíduo e que o marcaria de maneira quase indelével. [...] Em uma abordagem culturalista, a ênfase não é colocada sobre a herança biológica, não mais considerada como determinante, mas na herança cultural, ligada a socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural^V.

O filme “A conquista do Oeste” recompõe a cultura dos Estados Unidos da América, tratando especialmente do período que se estende de 1840 a 1850, momento considerado de tempos heroicos da conquista das terras que demarcaram as fronteiras do expansionismo

“A CONQUISTA DO OESTE” (1962) - O FILME E A CULTURA NORTE-AMERICANA

CARLOS WAGNER TAVARES DA SILVA

interno, desde os rios Missouri e Mississipi até o Oceano Pacífico. Como fonte, constitui uma ferramenta importante para as pesquisas, pois se trata de um documento útil ao entendimento dos discursos e mentalidades sobre um fato histórico retratado nos anos de 1960, quando foi reproduzido nas telas do cinema. Estudar aquela obra cinematográfica ajuda a compreender a relação entre história e cinema e ampliar as visões no campo do conhecimento histórico sobre o homem norte-americano, mas conforme o olhar daquela década, um olhar que provavelmente se manteve até a década de 1990. Este é o período temporal que importa a este artigo.

O historiador francês Marc Ferro, na década de 1970, constatou que “[...] o filme não faz parte do universo mental do historiador”^{VI}, ou seja, as películas ainda não eram devidamente reconhecidas como documento histórico de análise. Destacou que o filme possui além da dimensão do lúdico, do mágico e da ilusão, o poder de representar com toda a força a realidade que procura retratar. A esse respeito Jean-Claude Bernardet afirma que “[...] O cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos da tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. Mesmo quando se trata de algo que sabemos não ser verdade [...] No cinema, fantasia ou não, a realidade se impõe com toda a força.”^{VII}

Nota-se que existem pelo menos três perspectivas quando se trata da relação entre cinema e História, ou seja, “[...] como elementos de análise na investigação de sua própria história, como documento para produzir discursos históricos e como recurso didático”^{VIII}. Essas dimensões permitem ao historiador olhar a película a partir de suas potencialidades para materializar, reconstruir e mesmo instigar os pensamentos sobre diversas lacunas deixadas pelos documentos e relatos orais da realidade histórica. Eduardo Victorio Morettin resgata as percepções de Marc Ferro, para demonstrar a importância do filme para os estudos históricos; entretanto, faz algumas ressalvas sobre o passo-a-passo do fazer historiográfico:

O autor entende que todo filme, sem privilegiar nenhum gênero, deve ser analisado pelo historiador. A obra cinematográfica traz informações fidedignas a respeito do seu presente. A recuperação destas informações exige do pesquisador conhecimentos teóricos e técnicos, como veremos a seguir. A noção da autenticidade, surgida da necessidade de se compreender exatamente o que se passou, a realidade de um dado momento histórico, permeia toda sua discussão^{IX}.

Que o filme “A conquista do Oeste” é uma fonte histórica importante para os estudos desenvolvidos no âmbito da História Cultural não resta dúvida, pois permite lançar olhares diferentes sobre o outro.

Uma maneira de definirmos nossa identidade, talvez a principal, seja em contraposição ao “outro”, em primeiro lugar aos vizinhos. Essa forma de definição é válida tanto para disciplinas quanto para nações. Também elas têm seus “campos”, suas culturas, suas tribos e territórios. Apesar disso, a inovação intelectual é muitas vezes o resultado da burla da polícia de fronteiras e da invasão do território dos outros, ou, para variar a metáfora, de tomar empréstimos dos vizinhos em vez de mantê-los a distância^X.

A publicação no Brasil, em 1976, da Coleção *Faire de l'histoire*^{XI}, em três volumes: “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”, possibilitou divulgar aos estudiosos brasileiros a temática de uma Nova História. Entre os artigos publicados desatacou-se justamente: “O filme, uma contra-análise da sociedade?”, de Marc Ferro, para quem o cinema constitui um testemunho singular de seu tempo por possuir uma tensão que lhe é intrínseca e que traz à luz elementos singulares para a análise da sociedade. Para aqueles que trilham essa perspectiva histórica, há que se resgatar a contribuição de Jacques Le Goff^{XII}, quando trata da questão da memória especialmente na Enciclopédia Einaudi, no volume Memória-História, onde aponta para este tema da maior relevância:

“A CONQUISTA DO OESTE” (1962) - O FILME E A CULTURA NORTE-AMERICANA

CARLOS WAGNER TAVARES DA SILVA

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no surgimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afectividade, o desejo, a inibição, a censura, exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória colectiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Deve-se compreender o processo de ocupação do Oeste dos Estados Unidos a partir da leitura da paisagem, da infraestrutura disponibilizadas naquele projeto e das personagens. A paisagem natural foi importante para a conquista do Oeste, com suas especificidades climáticas e relevo, pois permitiram a sedimentação da criação de gado e a descoberta de minas de ouro e prata. A conquista do Oeste norte-americano intensificou-se com a descoberta do ouro e com a conseqüente migração para as regiões onde se localizavam as minas. Em torno dessa conquista desenvolveu-se uma cultura, a qual fora retratada no filme “A Conquista do Oeste”; disso trata o texto a seguir apresentado.

2. “A conquista do Oeste”: um filme que explica a cultura norte-americana!

Três gerações da família Prescott aparecem no filme “A conquista do Oeste” que revela a saga dos colonizadores americanos e a conseqüente dificuldade enfrentada pelos pioneiros desbravadores do Oeste. As imagens iniciais de “A conquista do Oeste” dão uma dimensão daquilo que o expectador visualizará da sociedade norte-americana e a preocupação do roteirista com a seqüência dos fatos torna possível acompanhar o descolamento para o Oeste, observando-se as agruras de uma travessia que podia durar até 140 dias em meios de transportes rudimentares e precários (cavalo, carruagem, ou barcos). Emboscadas de foras-de-lei e ataques de índios são episódios representados no filme que tornam aquela viagem uma verdadeira aventura.

A respeito dos acontecimentos que contribuíram para a conquista do Oeste, deve-se destacar o incentivo à ocupação das terras em 1862, a abertura de estradas, especialmente a construção das ferrovias cujas linhas foram construídas numa espécie de cobertura do território, criando um fluxo de Leste a Oeste que reduziu distâncias e permitia um grande deslocamento de passageiros e mercadorias, especialmente o escoamento do gado e dos minérios. Destacam-se ainda as linhas telegráficas que permitiram ampliar e melhorar a comunicação, assim como o fato do sistema monetário internacional está baseado no padrão ouro, o que valorizou ainda mais este metal precioso. O isolamento pareceu se dissipar com o telégrafo e a ferrovia. A chegada do trem constituiu uma espécie de reavivamento da memória, apesar de ser o elo mais rápido com o Leste, a lei e a civilização, assim como com a industrialização e suas mercadorias. A chegada da locomotiva era um acontecimento nos arruados e levava a população a se reunir em torno disso porque os vagões de trem constituíam um espaço de singular importância para a sociedade da época, onde a separação entre ricos e pobres estava bem acentuada, com a divisão de classes nas locomotivas.

Um dos personagens centrais da ocupação do Oeste norte-americano e, especialmente, aquele que se tornou símbolo desta região é o *cowboy*; primeiro pela especificidade de suas atividades, ou seja, a lida com o gado, porque depois da frustração com

“A CONQUISTA DO OESTE” (1962) - O FILME E A CULTURA NORTE-AMERICANA

CARLOS WAGNER TAVARES DA SILVA

a mineração, as fazendas tornaram-se a possibilidade para absorção da mão-de-obra e ao mesmo tempo uma vantajosa possibilidade de fazer dinheiro. Os *cowboys* constituem uma das figuras centrais para percebermos a conquista do Oeste e o estilo de vida da região, por incorporar a principal atividade dessa parte dos Estados Unidos da América e também por ser o símbolo das dificuldades e intempéries. O estilo de vida e o papel ocupado pelos *cowboys* na sociedade do Oeste foram imortalizados no imaginário da sociedade norte-americana, que mais tarde foi incorporada pelas películas do cinema, ao retratar a sociedade dos fins do século XIX, quando se processou a ocupação do território inóspito do Missouri ao Pacífico. As cenas do filme permitem também compreender as dificuldades enfrentadas pelos *cowboys* na lida com o gado; os frequentes roubos que ocorriam à noite, numa terra onde a presença do Estado ainda era fraca a lei do mais forte imperava, a ponto de andar armado com um revólver de seis balas ser regra.

Os índios também são personagens marcantes, dentre os que mais sofreram com o processo de conquista do Oeste dos Estados Unidos da América. Entre as diversas tribos existentes na área são exemplos os Sioux, Apaches e Navajos, denominados “peles vermelhas”, todos reduzidos a um pequeno grupo de indivíduos relegados a sorte em estreitas faixas de terra, apertados entre as montanhas. Entre 1850 e 1865 foram frequentes as guerras dos índios porque a descoberta das minas de ouro e prata e a expansão dos ranchos gerou a expulsão dos índios dos vales para a criação de gado. A situação dos indígenas despertou o interesse de indivíduos do Leste, que passaram a reclamar por melhores condições de vida para os nativos. Assim, foi assinada uma série de tratados com várias tribos, o que levou os índios a concordarem em permitir que os funcionários da estrada de ferro *Union Pacific* concluíssem o trabalho sem os ataques corriqueiros deles.

Uma das personagens centrais da conquista do oeste norte-americano é o garimpeiro, responsável pela corrida do ouro, que serviu de atração de milhares de pessoas para aquela região, em busca do sonho de fazer fortuna num curto espaço de tempo. Na “trilha do ouro”, em meio a sangue, formaram-se caminhos, povoações e cidades. Assim, povoações foram sendo edificadas ao lado das minas e em sua direção; trilhas foram sendo abertas e novas rotas consolidadas, num emaranhado de caminhos que levaram ao Oeste. Os garimpeiros contribuíram para a formação de muitas povoações, onde o comércio de bebidas e a diversão prosperavam, apesar das condições precárias da presença do Estado. Essas fragilidades demarcavam as condições para o afloramento da bandidagem e a cristalização da imagem de uma terra “sem lei”, tão amplamente presente nos filmes de Faroeste.

Já os colonos ou rancheiros foram os responsáveis pela conquista dos Grandes Planaltos do Oeste, pois viram na imensidão de terras a possibilidade de criar gado e viver com a família, especialmente em 1862, quando o Governo aprovou o *Homestead Act*, que oferecia gratuitamente 160 acres de terras públicas para todos aqueles que fossem construir uma casa e edificar uma fazenda.

O Oeste norte-americano passou a compreender a região que se estende entre os vales Missouri e do Mississippi, a Leste; a Costa do Pacífico, a Oeste; ao Canadá, ao Norte; e ao Sul, o México. Terra indígena tomada à bala. Rios e despenhadeiros vencidos com coragem e determinação. Aspectos intrínsecos ao processo da conquista de um novo horizonte que transparece nas várias películas produzidas pelo gênero cinematográfico denominado Western e/ou “Faroeste”. Uma parte da população que afluiu para tais regiões era formada por aventureiros, por pessoas que fugiam do alistamento para a Guerra de Secessão; até mesmo por soldados quando o conflito cessou, pois eles procuravam alguma oportunidade naquelas paragens. O espírito coletivo e aventureiro materializava-se nas mesas de apostas e nos leilões

“A CONQUISTA DO OESTE” (1962) - O FILME E A CULTURA NORTE-AMERICANA
CARLOS WAGNER TAVARES DA SILVA

das cidades onde a população dava os seus melhores lances para arrematar bens. A vida noturna é assistida a partir dos *saloons e bordéis*, onde ocorria a diversão, com os famosos shows de cam-cam, o jogo de pôquer e a bebida. Depois de algumas doses, a noite terminava em brigas e às vezes em morte, porque os desentendimentos eram resolvidos nos duelos das ruas, onde o mais rápido derrotava o adversário para resolver as contendas, vingar parentes mortos e, principalmente, sair vivo.

Elementos importantes do cotidiano do velho Oeste também dão certa dimensão da vida doméstica, com as mulheres envolvidas com o preparo das refeições, as famílias reunidas em torno da mesa de jantar, o ato de alimentar os animais, assim como as ocupações do ambiente interno e externo das construções, onde se verifica a destreza necessária para lida no campo: lançar um boi, selar cavalo, aprear animais, ordenhar; enfim fazer todas as atividades inerentes a um rancho. Assim, o território dos Estados Unidos da América ampliou-se com o processo de tomada do Oeste, a partir da colonização das terras do outro lado dos Montes Apalaches. Essa etapa se intensificou ainda mais logo após a Guerra da Secessão (1861-1865), embora o movimento da conquista do território estivesse em processo desde a década de 1820^{XIII}. Claude Fohlen também assevera:

A entrada do Texas na união (1845), a partilha do Oregon com a Grã-Bretanha (1846) e o Tratado de Guadalupe Hidalgo com a Espanha (1848) introduziram desde então como o velho oeste. Este é o último oeste, aquele a que milhares de filmes, romances populares, canções e tradições habituaram o homem do século XX. Mas enquanto a expressão simétrica de *extremo Oriente* foi assimilada ao vocabulário corrente, o Faroeste (Far West) conservou sua forma inglesa, como se o exotismo tivesse necessidade de uma língua diferente para se exprimir^{XIV}.

No filme “A conquista do Oeste”, os desbravadores simbolizam um universo de coragem, destempero sagacidade na procura pelo enriquecimento rápido, como prometia a propaganda. Esse filme permite resgatar o imaginário da população, suas preocupações e como se organizaram para construir seus projetos de vida numa região distante, isolada e pouco afeita à camaradagem, onde as oportunidades podiam significar vida ou morte, fortuna ou miséria. Aos poucos a população do Oeste incorporou as ameaças e trabalhou para construir seus destinos, na perspectiva de que era possível não só fazer fortuna, mas sobreviver dentro de uma cultura peculiar, com as suas próprias identidades.

[...] a análise desses filmes, feita de forma bastante instigante por André Bazin, crítico de cinema francês (1991) e também nosso próprio trabalho na área de ensino de História da América tem tomado essa filmografia como exemplar para o estudo da história americana. Os Estados Unidos, na busca de seu tão conhecido Destino Manifesto levou os americanos ao Oeste, ao México, ao Caribe, ao Vietnã e aos filmes de cowboy onde o mocinho, numa visão maniqueísta das relações humanas, sempre vence^{XV}.

O Oeste foi divulgado como uma região de oportunidades, especialmente para os jovens, conforme supôs a jornalista Horace Greeley ao afirmar: *Go West, Young man, go West!* Como espírito de uma nação que despertava através da construção dos sonhos de seus homens, o Oeste passou a representar os passos adotados pelos norte-americanos para tomar posse da imensidão de terras localizadas entre o Mississippi-Missouri e o Oceano Pacífico, constituindo-se uma chave de interpretação dos elementos da identidade daquele povo, amplamente retratado nos filmes de Faroeste. Tais filmes procuram resgatar a memória desse povo no século XIX. Em meio às condições adversas do Oeste e da conseqüente rudeza das condições impostas à vida das pessoas que viveram naquelas paragens, o filme retrata a persistência dos colonos pela civilidade e Estado de direito, seja quando lutam pela captura de

“A CONQUISTA DO OESTE” (1962) - O FILME E A CULTURA NORTE-AMERICANA CARLOS WAGNER TAVARES DA SILVA

bandidos ou quando cultivam o romance com jovens “donzelas”; ou ainda quando alargam as fronteiras dos Estados Unidos da América.

3. Considerações finais

A escrita deste texto foi baseada na análise do filme “A Conquista do Oeste” (*How the West Was Won*), produzido no ano de 1962, dirigido por John Ford, Henry Hathaway e George Marshall, considerado uma representação do gênero do cinema norte-americano que ficou mundialmente conhecido como *western*, “faroeste” e/ou ainda simplesmente “filmes de cowboy”. O propósito do estudo foi pensar a cultura que os Estados Unidos da América transmitiram ao mundo a partir do cinema *western* e suas simbologias. Verificou-se que os filmes de Faroeste permitem ao historiador rever uma série de detalhes importantes na formação da sociedade norte-americana porque tratam da criação de muitas simbologias e elementos singulares úteis à compreensão do processo de conquista dos territórios que estão entre os rios Missouri e Mississipi e o Oceano Pacífico. Em “A Conquista do Oeste” pode ser percebido o cenário de construção de um momento da história dos Estados Unidos na segunda metade do século XIX, o quanto seu território é expandido, como justificativa de correntes ideológicas como destinos manifestos.

Estudar o cinema é algo possível do ponto de vista metodológico, pois o fazer historiográfico no século XX admite considerar o filme como fonte de pesquisa, como uma nova ferramenta de análise social. Na Nova História, um filme pode ser tomado como uma contra-análise da sociedade, um testemunho singular de seu tempo, por possuir uma tensão que lhe é intrínseca e trazer à luz elementos singulares para a análise da sociedade. A relação cinema e História remete a uma série de possibilidades para esta ciência, quer seja fornecendo subsídios para se pensar os fatos históricos, no preenchimento de lacunas deixadas pelos documentos, ou ainda, no auxílio em sala de aula. Romper com o pensamento conservador a vasculhar novas perspectivas de pesquisas no campo da História constitui também uma tarefa inerente ao fazer historiográfico, onde o cinema é uma linguagem que deve ser absorvida e instigada como fonte de pesquisa.

Pensar a questão da identidade norte-americana, através dos filmes de Faroeste, especialmente centrado na película “A conquista do Oeste” é relevante para formação de um discurso distante daquele oficial já propagado sobre a cultura norte-americana, mais próximo da realidade experimentada pelos desbravadores que construíram uma nação. Deve-se compreender o processo de ocupação do Oeste dos Estados Unidos a partir da leitura da paisagem, da infraestrutura disponibilizada naquele projeto e das personagens. Em meio às condições adversas da vida no Oeste e da conseqüente rudeza das condições impostas à vida naquelas paragens, o filme retrata a persistência do povo norte-americano pela civilização, assim como a tentativa de transmissão de sua cultura para o mundo, fundada na imagem de desbravamento e coragem.

^I Licenciado em História/UFS. Especialista em Ensino de História: Novas Abordagens /Faculdade São Luiz de França. E-mail: carloswagner1980@gmail.com

^{II} SILVA, Carlos Wagner Tavares da. “A conquista do Oeste”: o homem norte americano no cinema. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

“A CONQUISTA DO OESTE” (1962) - O FILME E A CULTURA NORTE-AMERICANA
CARLOS WAGNER TAVARES DA SILVA

- ^{III} FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- ^{IV} Ibid, p.86.
- ^V CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 179.
- ^{VI} FERRO, Marc. Op. cit., p. 79.
- ^{VII} BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiro Passos; 9), p.12-13.
- ^{VIII} CARRETERO, Pilar Amador. El Cine como documento social: una propuesta de análisis. **Ayer** (Asociación de Historia Contemporánea), n. 24, 1996, p. 113-145. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/18085>> Acesso em 05 de agosto de 2016, p. 24.
- ^{IX} MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, 2003, p. 11-42.
- ^X BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2.Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- ^{XI} LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). **História: novos Problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. v. 3. [original: 1974].
- ^{XII} LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. v.1, p. 13.
- ^{XIII} NICHOLS, Roy F.; BAGLEY, William C.; BEARD, Charles A. **Os Estados Unidos de ontem e de hoje**. São Paulo; Rio de Janeiro, n. 3, v.18, 1941.
- ^{XIV} FOHLENN, Claude. **O Faroeste: 1860-1890**. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989. (A vida cotidiana), p.11-12.
- ^{XV} SOARES, Mariza de Carvalho. **Cinema e História ou Cinema na Escola**. Primeiros Escritos, n..1, jul-ago, 1994, p.3.

Referências bibliográficas

- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiro Passos; 9).
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2.Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARRETERO, Pilar Amador. El Cine como documento social: una propuesta de análisis. **Ayer** (Asociación de Historia Contemporánea), n. 24, 1996, p. 113-145. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/18085>> Acesso em 05 de agosto de 2016, p. 24.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 179.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- FOHLENN, Claude. **O Faroeste: 1860-1890**. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989. (A vida cotidiana).
- LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). **História: novos Problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v. 3, 1988, [original: 1974].
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, v.1, 1984.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, 2003, p. 11-42.
- NICHOLS, Roy F.; BAGLEY, William C.; BEARD, Charles A. **Os Estados Unidos de ontem e de hoje**. São Paulo; Rio de Janeiro, n. 3, v.18, 1941.
- SILVA, Carlos Wagner Tavares da. **“A conquista do Oeste”**: o homem norte americano no cinema. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.
- SOARES, Mariza de Carvalho. **Cinema e História ou Cinema na Escola**. **Primeiros Escritos**, n..1, jul-ago, 1994, p.3.

“A CONQUISTA DO OESTE” (1962) - O FILME E A CULTURA NORTE-AMERICANA
CARLOS WAGNER TAVARES DA SILVA

Fontes

How the west was won. Direção: Jorh Ford, Henry Hathaway, George Marshall, Richard Thorpe. Produção: Bernard Smith. Estados Unidos: *Warner Bros Pictures*, 1962. DVD, (164 min., inglês).